

**O PERFIL DA MULHER INDEPENDENTE: ESPECIFICIDADES DA OBRA “SENHORA”, DE JOSÉ DE ALENCAR**

*Paulo Hernandes Gonçalves da Silva* (UFT e IFTO)

[paulohg@ifto.edu.br](mailto:paulohg@ifto.edu.br)

*Francisco Edviges Albuquerque* (UFT)

[fedviges@uol.com.br](mailto:fedviges@uol.com.br)

**RESUMO**

A compreensão de texto da literatura de terceira geração romântica brasileira consolidou-se como o alicerce deste artigo. À luz do condoreirismo e do pré-realismo, objetivou-se a descrição da personagem Aurélia, protagonista da obra “Senhora”, do escritor José de Alencar. Adotou-se a metodologia do estudo aprofundado desse movimento, com base na pesquisa bibliográfica e na teoria e crítica dos estudos literários, processando-se pela análise do discurso e do desenho disponibilizado na capa da obra. Caracterizou-se como resultado alcançado, a relevância que a literatura desempenha no discernimento das atribuições sociais femininas, a partir do século XIX, e que neste caso específico, trata-se da mulher forte e independente, que protagoniza a compra de um esposo, fazendo assim, uma crítica ao dote e ao sentimento de vingança.

**Palavras-chave:**

Condoreirismo. Interesse. Literatura. Mulher.

**ABSTRACT**

The text comprehension of the Brazilian romantic third generation literature has been consolidated as the foundation of this article. In the light of condoreirismo and pre-realism, the objective was to describe the character Aurélia, protagonist of the work “Senhora”, by writer José de Alencar. The methodology of the in-depth study of this movement was adopted, based on the bibliographical research and on the theory and criticism of the literary studies, being processed by the analysis of the discourse and the drawing available in the cover of the work. It was characterized as achieved result, the relevance that literature plays in the discernment of female social attributions, from the nineteenth century, and that in this specific case, is the strong and independent woman, who stars in the purchase of a husband, making thus, a critique of the dowry and the feeling of revenge.

**Keywords:**

Condoreirismo. Interest. Literature. Woman.

**1. Considerações iniciais**

A terceira geração romântica brasileira aconteceu por volta de 1870 a 1880, período marcado pela frente abolicionista, sendo lembrada pelo atrito entre o republicanismo e a monarquia vigente, o que causava

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

por meio da literatura um número considerável de críticas sociais: casamento, família, adultério, dentre outras (BOSI, 1994).

Para Veríssimo (1998), também chamada de geração condoreira, ela reage ao isolamento e individualismo da segunda geração e à ideologia étnica da primeira geração. Destaque que a primeira geração romântica, foi a que quis representar o povo brasileiro como resultado da união de duas etnias: o branco europeu e o índio, sem considerar o negro – parcela mais populosa inclusive – no projeto nacionalista brasileiro. O que era de se supor numa sociedade tão escravocrata, que foi uma das últimas a proclamar a abolição. E portanto, a temática da abolição e dos falsos valores incendiava as discussões.

Objetivou-se neste artigo por meio da literatura o desejo de renovação da sociedade brasileira, com menos mascaramento e mais realismo. Por conseguinte, o presente artigo se justificou na análise da personagem Aurélia da obra “Senhora”, de José de Alencar, em que o foco está em sua condição de mulher independente que afronta a sociedade de sua época – que compra um marido, e nesse ato faz duras críticas aos casamentos por interesse e à simbologia do dote.

### **2. *As características da terceira geração romântica brasileira***

Condoreirismo é um ome atribuído à terceira e última geração da literatura romântica. Tem-se a abordagem de vertentes sociais e abolicionistas. A origem do nome está relacionada com o símbolo de liberdade escolhido pelo poeta francês Victor Hugo, o condor, uma ave que habita a Cordilheira dos Andes e é capaz de sobrevoar grandes altitudes. Dessa forma, os poetas condoreiros utilizavam suas poesias para criticar, entre outras questões, as condições desumanas dos escravos negros no Brasil (CORRÊA, 1981).

Para Freixeiro (1977), a partir da década de 1860, a monocultura do café alavancou a economia e a infraestrutura de várias cidades, sobretudo no estado de São Paulo. Por isso, os avanços advindos da cafeicultura foram a construção de vias para a exportação e a implantação de redes de energia, de água e de esgoto. Durante esse período, muitas fazendas utilizavam mão de obra escrava, e a sociedade burguesa circundante era carregada de situações “mascaradas” como adultério, casamentos arranjados, prostituição, dentre outras.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Por conseguinte, os poetas e escritores dessa geração se inspiraram nos temas de cunho político e social a fim de denunciar as mazelas da sociedade brasileira, e que neste caso, encontrou em José de Alencar, um grande expoente dessa geração romântica:

Sob uma perspectiva sociológica, as personagens dos romances urbanos de José de Alencar, freqüentemente, são corrompidas pela desumanização capitalista. Isso ocorre até o momento em que a dialética romântica do amor tenha condições de recuperar a normalidade convencional dessas personalidades. Os grandes temas universais - a carreira social, a força dissolvente do dinheiro, o embate entre aristocracia e vida burguesa, o antagonismo entre amor e conveniência, certamente sofreram modificações quando adaptados ao romance brasileiro, embora também existissem intensamente na imaginação coletiva, segundo o modelo criado pelas idéias européias. A cosmovisão de Alencar incorpora-se à elaboração das suas personagens, refletindo-se, nos romances, através dos inúmeros comentários tecidos por um “narrador onisciente” que avalia, julga, antecipa fatos, faz associações, volta ao passado etc, conduzindo o leitor pelas veredas das narrativas. Da mesma forma, tentando conferir às suas histórias um cunho de veracidade e confiabilidade, o escritor se vale do artifício das “cartas”: o enredo sempre se inicia em tom de confissão, quando alguém “confiável” (na maioria das vezes, uma senhora idosa) se dirige, por escrito, a um parente ou amigo de muito apreço, fazendo significativas revelações. Esta era uma das regras impostas pela tradição clássica, principalmente em Aristóteles: a ficção deveria narrar fatos “verossímeis”, com possibilidade de acontecer na vida real. (MORAES, 2004, p. 73)

Destaque que para Moraes (2004), o conflito das protagonistas alencarinhas, de um modo geral, apresenta-se, mais criticamente, na tentativa de conciliação das esferas do amor e do poder. Esse jogo possui dualidades que provocam a dramaticidade dessas narrativas.

José de Alencar foi um romântico e tinha crenças humanitárias, mas era politicamente conservador e declarou-se publicamente contra a abolição da escravatura e contra a hipocrisia da sociedade burguesa.

Tais considerações contribuem ao fato que um romance como *Senhora*, publicado em 1875, somente quatro anos após a promulgação da lei do ventre livre, em uma época em que a campanha anti-escravagista estava em plena efervescência e em que a condição de relacionamento senhor/escravo, deixa inexplorada a questão central da escravidão no Brasil do século dezanove (MORAES, 2004).

De acordo com Thiengo (2008), na sociedade em que viveu Alencar, as mulheres estavam a serviço dos homens e de seus caprichos, não só no casamento, mas em todo e qualquer tipo de relacionamento. No caso do romance “*Senhora*”, as posições tornam-se invertidas, pois a prota-

gonista Aurélia “comprou” seu marido e foi ele, Seixas, que alienou sua liberdade. Ela passou a ter um “casamento de conveniência” como uma farsa e o seu marido teve que efetivamente considerar-se “seu escravo”.

Os estudos sobre a terceira geração romântica brasileira propostos por Soares (2018) evidenciam que o século XIX, de forma geral, foi palco de grandes e significativas transformações que mudaram as relações econômicas, sociais e familiares, entre outros aspectos formadores da sociedade brasileira.

Tem-se um momento histórico e literário em nosso país que originou com mais ênfase um processo de urbanização, seguindo os modelos das cidades europeias, o que também alterou as relações interpessoais e de educação diante do indivíduo de fora do ambiente doméstico. Ironicamente, a vida da mulher é sempre regida pela imagem que o ser masculino tem e espera dela. Seja como esposa ou como mãe, seu papel na sociedade burguesa é o de gerar desejo ou de cuidar (SOARES, 2018).

### **3. *Uma sucinta biografia de José de Alencar***

Conceber uma era romântica puramente burguesa e composta por aspectos contraditórios, possibilitou visualizar que o romantismo mantém certa unidade em alguns aspectos, porém em outros, como nas diferenças entre as três gerações, ele é dualista, tendo como maior exemplo os autores da geração “ultrarromântica”, a qual era pessimista e desacreditava nos ideais patrióticos; da mesma forma em que o indígena configurou-se como o herói idealizado na fase “nacionalista”; e por fim, a ocorrência de inúmeras críticas sociais vislumbradas na geração “condoreira” (NETO, 2005).

Ressalta-se que a literatura engajada brasileira apresenta relevante consistência nas obras do escritor José de Alencar. Nesa perspectiva, conforme Guinsburg (2008), Alencar (nascido em 1829, e falecido em 1877) foi um romancista, dramaturgo, jornalista, advogado e político brasileiro.

Ele tornou-se um dos maiores representantes da corrente literária romântica. O principal romancista brasileiro da fase romântica, este escritor foi escolhido por Machado de Assis para patrono da Cadeira nº 23 da Academia Brasileira de Letras.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Sobre sua grandiosidade enquanto ser humano e escritor, observa-se que:

Dentre todos os escritores da era romântica no Brasil, um dos mais notáveis, quiçá o mais importante de todos seria José Martiniano de Alencar Júnior, ou simplesmente José de Alencar. Este cearense que nasceu em 1829, em Mecejana, um lugarejo na periferia de Fortaleza, foi o primeiro a criar um programa de identidade nacional a partir da literatura, apesar de também ter sido jurista, filósofo do direito e político. Com apenas um ano de idade, Alencar muda-se para o Rio de Janeiro acompanhando os seus pais, pois o seu pai acabara de ser eleito - senador do Império do Brasil. Porém a moradia na capital fluminense demorou pouco tempo, porquanto oito anos de idade o jovem voltou a morar na capital cearense quando o seu pai foi eleito governador daquele estado. Foi no período de sua infância que Alencar conviveu com a natureza exuberante daquele lugar. Foi com o conhecimento das leituras e peças de grandes obras francesas que, Alencar, morando na cidade de São Paulo, enquanto estudava direito tornou-se um ambicioso e promissor escritor pronto a estreitar nas letras da jovem nação. Em 1854, após formar-se em direito Alencar vai morar na capital fluminense e começa a escrever no rodapé de um jornal. (FERREIRA, 2012, p. 6)

Ferreira (2012) estabelece que a interação da imprensa com o público leitor, nos fez perceber a contribuição desse veículo midiático para com a formação do público leitor, pois foi com a impressão dos folhetins, tipo de publicação “importada” da França que grandes obras da nossa literatura começaram a publicar no Brasil. Foi na intenção de atrair leitores aos jornais que Alencar começou a escrever esses romances que eram um tipo de brinde aos leitores do jornal.

Por conseguinte, para a Academia Brasileira de Letras, a obra de José de Alencar é da mais alta significação nas letras brasileiras, não só pela seriedade, ciência e consciência técnica e artesanal com que a escreveu, mas também pelas sugestões e soluções que ofereceu, facilitando a tarefa da nacionalização da literatura no Brasil e da consolidação do romance brasileiro, do qual foi o verdadeiro criador.

Sendo a primeira figura das nossas letras, foi chamado “o patriarca da literatura brasileira”. A sua produção provoca admiração não só pela qualidade, como pelo volume, se considerarmos o pouco tempo que José de Alencar pôde dedicar-lhe numa vida curta, pois veio a falecer no Rio de Janeiro, de tuberculose, aos 48 anos de idade (ABL, 2019).

#### 4. A obra “Senhora”: perspectivas de uma mulher independente

A terceira geração romântica brasileira, datada de 1870 a 1880, é caracterizada por temas como erotismo, pecado, liberdade, abolicionismo, realidade social e negação do amor platônico, estruturando-se também nas perspectivas do condoreirismo, e, portanto, essa crítica à sociedade se entrelaça para outras obras, como no caso de “Senhora”, de José de Alencar (lançada em 1875).

Nesta perspectiva, a mulher independente é evidenciada a partir da capa do livro, que se confronta como um brasão, uma medalha, uma premiação, configurando-se como instrumento memorável na formação do leitor, consoante ao que se observa na figura 1.

Figura 1: Obra Senhora.



Fonte: Ática, 2019.

Os detalhes da capa da obra Senhora, conforme figura 1, faz perceber que se trata da construção da identidade feminina nas narrativas da terceira geração romântica, e que neste caso, Aurélia, a protagonista, é imponente, dona de suas atitudes e se diferencia das outras mulheres da sua época (FONSECA, 1982).

Percebe-se em Aurélia uma personagem extremamente complexa, tendo suas características inovadoras, e muitas vezes descontextualizadas da época que vivia. As discussões aprofundam para a presença de uma mulher elegante, inteligente, prepotente, bela e marcante, tanto pelas suas

ações, bem como pelos seus turbilhões de emoções e sentimentos profundos que dominavam a sua alma e a confundiam (AGUIAR, 2011).

Para Douglas (1990), executa-se uma inversão de papéis, permanecendo-se, porém, dentro dos parâmetros de gênero das narrativas do patriarcado, pois os estereótipos de masculinidade e de feminilidade, embora questionados, são mantidos, já que a busca antifeminina modela-se nos moldes da busca do herói masculino.

Assim, conforme Coutinho (2004), a caracterização da personagem Aurélia, a compreensão de sua busca feminina, bem como o porquê de ela assumir, em alguns pontos, a aparência de antifeminina, delinea-se mediante o estabelecimento de três fases para a personagem, marcando-lhe profundamente, que foram as etapas de namoro, noivado e casamento dela com o Fernando Seixas – o marido comprado.

Nesta perspectiva, apresenta-se a seguinte consideração aos fatos:

A pena atribuída por Aurélia a Fernando, em grande medida, exemplifica esse fenômeno do capitalismo à brasileira. Se a forma de ascender socialmente de Fernando, via casamento bem sucedido, responde a uma estrutura social em que o bem-estar independe da capacidade do sujeito burguês delegar a Seixas o pagamento da dívida pelo acúmulo de bens materiais através do trabalho, configura-se uma ironia. (SPINELLI, 2008, p. 39)

Com base na figura da capa do livro, bem como nos preceitos de Castello (2004), observa-se que para personagens como Aurélia, tem-se a percepção de novos rumos para as representações femininas, ainda que construídas pelo imaginário masculino, tendo em vista que era dado aos homens o maior direito de escrever e que eram deles as produções que seriam levadas a sério. Dessa forma, as possibilidades ampliam-se, fazendo com que as personagens femininas deixem de encarnar apenas aquelas moças langorosas e casadoiras, que ficam a esperar marido enquanto tocam piano (SOARES, 2018).

Assim, Spinelli (2008) destaca que a consequência desse processo é a impossibilidade de constituição de um mercado interno de acordo com o modelo europeu. O indivíduo burguês vê-se impossibilitado de acesso social através da sua capacidade de trabalho. O resultado é o amesquinamento do meio social, de modo que somente um casamento bem-sucedido e a proteção da elite facilitarão a estabilidade econômica do menos favorecido.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Em outras palavras: a escravidão cerceia a possibilidade de ascensão social dos homens livres, especialmente aqueles que vivem nas cidades, a casamentos bem-sucedidos e à indicação de um protetor capaz de arrumar-lhe um emprego no serviço público (SPINELLI, 2008).

A este respeito a personagem Aurélia Camargo esclarece:

Esquece que desses dezenove anos, dezoito os vivi na extrema pobreza e um no seio da riqueza para onde fui transportada de repente. Tenho as duas grandes lições do mundo: a da miséria e a da opulência. Conheci outrora o dinheiro como tirano; hoje o conheço como um cativo submisso. Por conseguinte devo ser mais velha do que o senhor que nunca foi nem tão pobre, como eu fui, nem tão rico, como eu sou. (ALENCAR, 2013, p. 21)

O comentário de Aurélia revela a natureza do elo entre as suas vontades e a riqueza por ela conquistada. Por definição, esse movimento vincula as peculiaridades da narrativa à estrutura da sociedade carioca da segunda metade do século XIX. Sob tal perspectiva, é possível compreender a tirania do dinheiro que cativa todos. Aurélia parece, já no início do romance, diferenciar-se das estruturas vigentes (SPINELLI, 2008).

Com base em uma visão foucaultiana, vale a ponderação sobre as estratégias ideológicas da narrativa:

[...] existe no uso da linguagem o enraizamento de vidas, de sociedades, de histórias, uma vez que os discursos apresentam direcionamento e veiculação de determinada ideologia, e por isso as táticas de exposição do narrador são, de forma muito consciente, estratégias de persuasão ao leitor. (SILVA; ALBUQUERQUE, 2018, p. 335)

E, portanto, segundo Pena (1988), vale lembrar o contexto histórico brasileiro em que foi publicado o romance: no século XIX, em que o público letrado ainda se encontrava em processo de consolidação. Era relativamente frequente também, na altura da publicação da obra *Senhora*, o casamento por interesse, no entanto, a protagonista Aurélia condena essa prática, mesmo a fazendo, sendo movida única e exclusivamente por amor, deixando claro que deseja se unir em matrimônio perpétuo com alguém por quem nutrisse, de fato, do seu afeto (ALENCAR, 2013).

Observa-se também que o romance denuncia igualmente a sociedade de aparências e os arranjos e interesses constituídos, sendo ao mesmo tempo irônico com o meio social e com as atitudes de sua protagonista (PENA, 1988).

## 5. Considerações finais

A finalização deste artigo levou à conclusão que o Romantismo foi relevante para o Brasil devido as diversas manifestações culturais, literárias e artísticas, pois privilegiava uma visão de mundo centrada no indivíduo, ideias utópicas, amores platônicos impossíveis, idealização da mulher, culto a natureza, sentimentalismo exacerbado, religiosidade e maior liberdade formal (COUTINHO, 2004).

Com base em Moraes (2004), observou-se que a terceira geração romântica foi marcada por autores que ansiavam novos ares democráticos e, com isso, defendiam a causa abolicionista e republicana. Suas narrativas e poemas, produzidos próximos à oratória, tinham a intenção de persuadir o leitor-ouvinte, a fim de que esse também alterasse sua visão às coisas do mundo e defendesse as causas sociais de sua época.

Outro aspecto conclusivo, diz respeito ao perfil de independência da personagem protagonista Aurélia, pois para Aguiar (2011), não se deve pensar na personagem como uma representante do período romântico no Brasil, mesmo ela pertencendo a uma obra da terceira geração.

A obra é categórica quanto à crítica à sociedade e ao casamento, uma vez que Aurélia rompe com todos os propósitos da mulher que era dependente e submissa. Ela se mostra forte, autoritária e independente em relação ao contexto da época. Portanto, essa relação estreita entre personagem e autor rompe com os limites da ficção para dar verossimilhança ao enredo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABL. Academia Brasileira de Letras (2019). Biografia de José de Alencar. Disponível em <http://www.academia.org.br/academicos/jose-de-alencar/biografia>, acesso em 05nov2019.

AGUIAR, H. C.S. de. A construção da personagem Aurélia Camargo, na obra Senhora de José de Alencar. In: *Nucleus* (Ituverava), V. 8, p. 91-111, 2011.

ALENCAR, José de. *Senhora*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2013.

ÁTICA. Editora Ática S.A. *Literatura clássica*. Disponível em <https://www.estantevirtual.com.br/editora/atica> Acesso em 01set2019.

BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. 34. ed. São Paulo:

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Cultrix, 1994.

CASTELLO, J. A. *A literatura Brasileira: Origens e Unidade*. São Paulo: Edusp, 2004.

CORRÊA, M. Repensando a família patriarcal brasileira. Notas para o estudo das formas de organização familiar no Brasil. In: *Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas*, 1981.

COUTINHO, A. *Era romântica*. V. 3, parte II. Estilos de época. 7. ed. São Paulo: Global, 2004.

DOUGLAS, E. H. A busca feminista em Perto do coração selvagem. In: GOTLIB, Nádía Batella (Org.). *A mulher na literatura*. V. II. Belo Horizonte: UFMG, 1990.

FERREIRA, J. F. V. Romantismo: a formação da literatura brasileira. In: *Revista Vozes do Vale: Publicações acadêmicas*, 2012.

FONSECA, M. N. S. Configuração das personagens de Senhora: o ser e o parecer. In: *Boletim do CESP*, Belo Horizonte, Ano IV, n. 8, p.3-12, 1982.

FREIXEIRO, F. *Alencar: os bastidores e a posteridade*. Prefácio de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 1977.

GUINSBURG, J. (Org.). *O Romantismo*. 4. ed., 2., reimpr. São Paulo: Perspectiva, 2008.

MORAES, V. L. A. de. Uma leitura de “Senhora”: embate entre a condição econômica e social do Império e o idealismo artístico de José de Alencar. In: *Revista de Letras (Fortaleza)*, V. 1/2, p. 73-8, 2004.

NETO, A. B. S. *A Filosofia do Romantismo*. Maceió: EDUFAL, 2005.

PENA, M. V. J. As moças de José de Alencar. In: *Ciência hoje*. São Paulo, SBPC, v 9, p. 51-59, dez. 1988.

SILVA, P. H. G. ; ALBUQUERQUE, F. E. A perspectiva dos sentimentos de inferioridade e inveja: uma análise da literatura contemporânea no conto “Dois velinhos”, de Dalton Trevisan. In: *Revista Philologus*, V. 72, p. 333-343. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2018.

SOARES, T. F. Senhora: uma articulação cultural de representação feminina no século XIX. In: *Entrelaces (UFC)*, v. 1, p. 297-313, 2018.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

SPINELLI, D. A dialética texto e contexto em *Senhora*, de José de Alencar ou Considerações sobre Literatura e Sociedade, de Antonio Candido. In: *Kaliopé* (PUC-SP), V. 07, p. 29-47, 2008.

THIENGO, M. O perfil de mulher no romance *Senhora*, de José de Alencar. In: *Travessias* (UNIOESTE), V. 3, p. 1-17, 2008.

VERÍSSIMO, J. *História da literatura brasileira: de Bento Teixeira, (1601) a Machado de Assis (1908)*. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.